



---

ÁREA TEMÁTICA: Direito, Crime e Dependências

---

Violência e Performance nos Assaltos contra Instituições Financeiras

---

AQUINO, Jania Perla Diógenes

Doutoranda em Antropologia Social

Universidade de São Paulo, USP

perladiogenes@hotmail.com

---

### Resumo

O trabalho analisa os *assaltos contra instituições financeiras*, apresentando-os como operações sofisticadas, resultantes de elaborados planos e que mobilizam complexa infra-estrutura. Eximindo-se da ênfase sobre o caráter criminoso e violento desta modalidade de ação, são privilegiadas as performances que os assaltantes acionam diante dos reféns, com o intuito de amedrontá-los e levá-los a colaborar com o roubo. O domínio sobre a dimensão expressiva do comportamento é apresentado como uma habilidade relevante aos “profissionais” em assaltos de grande porte.

Palavras-chave: Violência, Crime e Performance





## Introdução

No mundo inteiro, cotidianamente, meios de comunicação de massa veiculam detalhes de ocorrências criminosas que apresentam os mais diversos formatos e características. Homicídios, roubos, furtos, extorsões mediante seqüestro, estelionatos, tráfico de entorpecentes e armamentos estão entre as modalidades delitivas que ganham visibilidade pública. Tais notícias repercutem nas rotinas de homens e mulheres de diferentes estratos sociais, faixas etárias, graus de escolaridade, dentre outros distintivos. Trata-se de eventos que tendem a despertar comoções e suscitar reações indignadas. As narrativas jornalísticas, implícita ou explicitamente, fazem-se acompanhar por discussões acerca da criminalidade, seu aumento numérico, debates sobre suas causas e conseqüências, havendo em algumas matérias comentários ou avaliações das políticas de segurança pública adotadas por governos.

No Brasil, desde a década de 1980, cientistas sociais têm tomado parte na discussão da chamada “violência urbana”, mapeando características e modalidades de atos e ocorrências, analisando estatísticas e problematizando o crescimento de alguns tipos de crimes. Foram produzidos estudos sobre políticas e sistemas de segurança pública, o crescimento e diversificação de estratégias e serviços de segurança privada, a violência expressa nas práticas policiais, pesquisas sobre populações carcerárias, sistemas prisionais e punitivos do país. Formaram-se grupos de pesquisa, núcleos e laboratórios para estudar e debater tais problemáticas, estas ganharam destaques também em congressos e reuniões anuais e bianuais das principais associações e sociedades de cientistas sociais.

Nas últimas três décadas, portanto, o crime e a violência têm sido amplamente discutidos. Atualmente, a academia brasileira, dispõe de uma considerável bibliografia referente à criminalidade, ambientes prisionais, conflitualidades, políticas de segurança pública, dentre outros enfoques direcionados a tais fenômenos e práticas. Trata-se de temas e problemáticas que não só se consagraram como objetos de estudo relevantes nas ciências sociais, mas cujas pesquisas têm se mostrado capazes de orientar políticas de assistência social e de segurança pública, direcionando também a atuação de organizações não governamentais e movimentos sociais.

Sem pretender minimizar a importância da literatura produzida na área de ciências sociais, no Brasil, vale ressaltar que os estudos, em sua maior parte, vêm seguindo às diretrizes do debate estabelecido pelos meios de comunicação de massa. Estes enfatizam a dimensão de “problema social” nos fenômenos analisados, chegando mesmo a discutir e apontar soluções para tais “problemas”. Em muitos trabalhos que tomam o crime e a violência como focos de análise, é evidente a indignação do pesquisador, diante do fenômeno estudado, concedendo aos argumentos dimensão de “denúncia”. Desta maneira, ficam ofuscadas preocupações com dinâmicas características dos diferentes universos de crimes e ilegalidades, estratégias de atuação de seus protagonistas e as relações que se desenvolvem entre seus agentes. (Rifiotis, 1997).

De acordo com Rifiotis(1997), parte considerável das pesquisas e discussões produzidas pelas ciências sociais brasileiras sobre o universo do crime e das violências costumam desembocar na conclusão de que estes são resultantes da ineficiência de políticas estatais, sendo também freqüentes abordagens que apontam tais ocorrências e práticas como obstáculo ao usufruto de direitos humanos e ao exercício da cidadania. Não deixando de reconhecer a relevância acadêmica e social de tais estudos, o autor enfatiza que ainda são escassas no país, análises mais pontuais e específicas acerca do “mundo do crime” e do fenômeno da violência, assinala o *déficit* de uma bibliografia referente, orientada por uma postura mais analítica do que avaliativa. Ele propõe abordagens mais “vivenciais e próximas das experiências concretas”, defende pesquisas que venham *reconstituir conjuntos de práticas engendradas nos universos sociais pesquisados, em uma determinada época, procurando identificar o rosto singular que projetam na sociedade como um todo.*(Rifiotis, 1997:14) Segundo ele, as posturas adequadas aos pesquisadores que almejem realizar análises antropológicamente orientadas de fenômenos e atos relacionados à violência são



“observação sistemática” e “descrição positiva”, devendo estes discutir e problematizar o campo semântico do termo, situando-o histórica e geograficamente.

Sem desconsiderar a relevância das pesquisas realizadas, principalmente por sociólogos, relacionados à temática da violência no Brasil, estou de acordo com Rifiotis(1997) acerca da necessidade de análises mais pontuais sobre fenômenos específicos e localizados, da importância de descrições “vivenciais” capazes de elucidar e apresentar em minúcia fenômenos, atos e estratégias de atuação qualificados pelo adjetivo “violento”. Produzindo uma análise que se exime de tecer críticas a políticas estatais e se recusa a tomar a negatividade da violência como um pressuposto à compreensão do fenômeno abordado, este texto trata dos *assaltos contra instituições financeiras*, uma modalidade crime tem apresentado expressivo crescimento estatísticos, no Brasil, desde os anos de 1980. Com base nas análises e considerações sobre performances cotidianas de Erving Goffman(1992), o trabalho elucida a manuseio consciente da dimensão expressiva do comportamento por parte dos assaltantes.

### **1. Crescimento quantitativo e diversificação nos assaltos contra instituições financeiras.**

A categoria *assaltos contra instituições financeiras*, é utilizada pelas Polícias brasileiras para denominar ocorrências de *roubos* e *furtos*<sup>i</sup> contra agências bancárias, carros-fortes, empresas de guarda-valores e arrombamentos de caixas eletrônicos.

Convém ressaltar que até meados dos anos de 1980, esta modalidade de crime era efetuada somente contra bancos e se restringia aos grandes centros urbanos do país. Todavia, no final da referida década, houve significativas alterações neste cenário: os assaltantes começaram a atuar contra agências bancárias, localizadas em cidades de pequeno e médio porte, a interceptar carros-fortes nas rodovias que ligam a capital ao interior dos estados; a roubar empresas de guarda-valores e caixas eletrônicos, estes tão logo se propagaram no país, tornaram-se alvos de *roubos* e *furtos*. No fim dos anos de 1990, foram também vítimas freqüentes de assaltos, as *factorings*- empresas que se encarregam de realizar pagamentos para outras empresas, porém estas, em curto período, deixaram de ser consideradas alvos atraentes, já que trabalham, sobretudo, com cheques e documentos de pessoas jurídicas, raramente utilizando valores em espécie.

Na década em curso, especialmente nos últimos três anos, ocorrências veiculadas nos meios de comunicação de massa, sinalizam que as *instituições financeiras* mais “procuradas” por equipes de assaltantes, em todo o país, continuam sendo os bancos, e depois destes, as empresas de guarda valores, que têm sido alvo recorrente, tanto de assaltos aos seus carros-fortes como de “ataques” contra suas sedes<sup>ii</sup>.

Demonstrando estar informadas sobre rotinas internas de funcionamento das *instituições financeiras*, as *quadrilhas* passaram a efetuar *roubos* e *furtos* exatamente nos dias em que bancos, empresas de guarda valores e carros-fortes movimentam maiores quantias líquidas.

Além da organização e planejamento, uma outra característica proeminente destas operações é a infraestrutura, que mobiliza instrumentos arrojados, tais como veículos potentes, armamentos de grosso calibre e dispositivos de comunicação modernos. A própria atuação dos assaltantes tornou-se mais calculada e cuidadosa. Com base em uma acentuada divisão de tarefas entre os participantes dos roubos, habilidades como pontaria e manuseio de diferentes modelos de armas, passaram a se exercer a partir treinamento contínuo.

Assim, o gerenciamento de informações precisas, de equipamentos que condensam tecnologia de ponta e de uma “mão-de-obra qualificada” se tornou a base dos assaltos. Esta modalidade de crime, não somente se elevou estatisticamente e ampliou sua gama de alvos, mas também se tornou mais elaborada, resultando em maiores quantias às equipes que as organiza e executa.



Ciente da complexidade nas estratégias de ações e redes de relações concernentes a esta modalidade de crime e seus protagonistas, neste *paper*, optei por focalizar a dimensão performática dos *assaltos contra instituições financeiras*

As questões e considerações apresentadas são decorrentes de cinco anos pesquisando a referida problemática, a partir de fontes e dados variados, tais como taxas estatísticas, notícias de periódicos de maior circulação em capitais brasileiras situadas nas regiões Nordeste e Sudeste do Brasil, entrevistas com delegados de Polícia nas duas regiões mencionadas, entrevistas e conversas informais com mais de três dezenas de indivíduos que participaram ou participam de *assaltos contra instituições financeiras*, naturais de estados, situados nas cinco regiões do país.

## 2. Violência e Dramatização do Comportamento.

A elaboração de *assaltos de grande porte*, cujos alvos são instituições que integram o sistema financeiro do país, desencadeia operações complexas. Estas envolvem detalhado levantamento de informações, planejamento de abordagens e fugas, utilização de equipamentos sofisticados e modernos. Demandando investimento monetário para articulação e viabilização do plano de assalto e resultando em altas quantias aos seus organizadores, tal modalidade delitativa ganha contorno de empreendimento econômico. No desenvolvimento destes, cada procedimento é calculado em minúcia: tarefas são divididas, instrumentos são testados com antecedência, estratégias de abordagens e atuação diante dos reféns do assalto são discutidas entre os participantes da ação. Além de dispor de sofisticada infra-estrutura material e minucioso planejamento estratégico, tais investidas demandam uma equipe de pessoas qualificadas para as atividades que vão desempenhar na operação. Até mesmo, a formas de conduzir agressões físicas e pressões psicológicas são calculadas. Os assaltantes cogitam sobre maneiras eficazes de intimidar suas “vítimas”, não deixando a estas possibilidades de reagir sem arriscar a vida. Todo um conjunto de previsões e cálculo de riscos são acionados pelas equipes de assaltantes, objetivando amenizar possibilidades de fracasso do plano.

Desta maneira, a força física é empregada como um meio de “apavorar” os funcionários e pessoas presentes nos estabelecimentos, durante a execução do assalto. O uso da violência constitui, portanto, um pré-requisito para que tais operações sejam bem sucedidas. E o apelo a esta forma de ação não ocorre de forma instintiva, “descontrolada” ou emotiva. Durante um *roubo*, assim como em outras modalidades de crime violento contra o patrimônio, a situação não se define como uma disputa entre inimigos ou como um “acerto de contas”, advindo de antigas “rixas”. Não se trata de um momento de resolução de conflitos entre partes em contenda. A agressividade é empregada de forma calculada. O momento do assalto, via de regra, é o primeiro contato direto dos assaltantes com suas vítimas. Não há raiva ou ódio anterior de um oponente pelo outro. A violência, empregada por meio de ataques súbitos e brutais ou mesmo por ameaças verbais, funciona como subterfúgio dramático, uma “representação” diante das pessoas que sofrem o assalto.

Tais “performances” envolvem ambigüidades e singularidades, cujo sentido e eficácia estão atrelados a dinâmicas do “mundo dos grandes roubos”. Se por um lado, o assaltante tem que ser “duro” para conseguir se impor, por outro, não é positivo para os grupos criminosos que suas investidas resultem em morte ou ferimentos de vítimas. Nestes casos, os assaltos não são considerados bem sucedidos. Matar ou ferir pessoas que não reagem são atitudes tomadas como descontrolo e amadorismo. Aqueles que se excedem” no uso da violência física são negativamente avaliados por seus comparsas. Este impasse nos demonstra que na realização de um assalto, a linha de separação\_ na perspectiva de seus protagonistas e demais praticantes desta atividade criminosa\_ entre uma atuação considerada *profissional* e atitudes tidas como irresponsáveis ou amadoras é tênue. A rigor, assaltantes são cientes de que ocorrências que resultam em mortes, deixam de ser juridicamente classificadas como *roubo*, passando a ser consideradas *latrocínio*, um



tipo de roubo qualificado pelo resultado, ao qual corresponde uma pena mais rigorosa do que aquela referente aos roubos sem agravantes. E mais: assaltos com mortes e derramamentos de sangue ganham maiores repercussões nos meios de comunicação de massa, levando a Polícia a um maior empenho na busca dos seus executores. Portanto, a determinação de poupar vítimas que não reagem não se baseia em razões humanitárias, deve, antes, ser considerada uma medida preventiva por parte dos protagonistas do crime.

Para ser considerado um *grande assaltante* entre seus pares, uma “boa atuação” no momento de efetivar um roubo é relevante, esta se expressa no ato de adentrar a um grande estabelecimento, expondo-se a câmeras, sensores, alarmes e vigilantes armados. Estes *profissionais* desenvolvem, conscientemente ou não, técnicas de desempenho dramático, produzindo movimentos, expressões faciais e entonação da voz ajustados as suas tarefas na execução das ações criminosas, das quais participa. As pessoas que sofrem o assalto não podem sentir fraqueza ou hesitação nas ameaças recebidas, devem, acreditar que serão assassinadas ou fisicamente agredidas se reagirem. Trata-se de um componente da performance dos assaltantes, e as formas de manuseá-la são definidas durante a elaboração do plano de *roubo*, geralmente, o critério utilizado é o do menor risco.

### 3. Assaltos “no vapor” e assaltos “no sapatinho”.

Uma classificação “nativa” para os inúmeros formatos, os quais podem assumir uma ocorrência, apresenta duas denominações genéricas: assaltos *no vapor* e assaltos *no sapatinho*.

Os assaltos *no vapor* são aqueles que apresentam uma grande quantidade de homens e veículos, armamento pesado e abordagens abruptas, estes são também chamados assaltos *bomba* ou *no arrebento*. Em tais ações, as *quadrilhas* chegam subitamente ao local do assalto, efetuam disparos, gritam e ameaçam as pessoas presentes. Segundo os assaltantes entrevistados, os alvos mais adequados a esse tipo de abordagem são carros-fortes e caixas eletrônicos e as armas que costumam utilizar são fuzis e metralhadoras. Nestas ocorrências, a performance do grupo criminoso se caracteriza pelo impacto visual e sonoro, evocando uma estética bélica, do confronto: armas em punho, posições marcadas, disparos e gritos. Trata-se de uma violência material e explícita.

Os assaltos *no sapatinho*, por sua vez, baseiam-se em abordagens mais discretas ou silenciosas. Nestes casos, as *quadrilhas* atuam por meio de investidas traiçoeiras ou disfarçadas, utilizando, inclusive, armas de menor volume como revólveres e pistolas. Ao invés de uma demonstração de força imediata e direta, apela-se para a “astúcia” e a “malandragem”. Um dos meus entrevistados definiu os assaltos *no sapatinho* da seguinte maneira:

*Sapatinho é assim, quando você consegue entrar em um local. Você sem acionar muita gente, sem que você seja notado. Sem dar um tiro, você pega o dinheiro e sai normalzinho, sem chamar a atenção. Porque você só precisa anunciar o assalto no momento certo. Não precisa atirar, não precisa que a cidade inteira fique sabendo que você está fazendo um assalto. Um tiro que sair dali, já aciona todo mundo. Eu gosto de bolar um truque e esperar o momento certo para meter a parada. Por que quem faz o ladrão é a oportunidade. .(Trecho de Entrevista com Helio, realizada em Abril de 2003)*

Diversas estratégias podem ser utilizadas para a introdução de armas no interior de uma agência bancária, sem que seja necessário efetuar disparos. No caso dos bancos, um dos artifícios mais frequentes é a utilização de armas de brinquedo para passar pelo detector de metal da porta giratória das agências



sem que seja notado, e em seguida, rende-se os vigilantes do estabelecimento com as falsas armas, tomando destes as armas verdadeiras.

A estratégia apontada, pelos meus interlocutores, como sendo a mais segura e elaborada para atuar *no sapatinho*, foi o seqüestro das famílias dos funcionários das instituições financeiras, responsáveis pelos cofres dos estabelecimentos, tais como gerentes e tesoureiros. Tais assaltos precedidos do seqüestro de famílias inteiras se efetivam contra agências bancárias e empresas de guarda valores. As vítimas são capturadas na noite anterior ao assalto. As famílias são mantidas em cárceres privados que podem ser suas próprias residências ou locais adaptados para funcionar como cativeiros. Na manhã do dia seguinte, o gerente ou tesoureiro, cujos familiares estão em poder do grupo, é obrigado a se dirigir ao seu local de trabalho e entregar todo o dinheiro dos cofres da instituição.

Nestas casos, apesar de portarem armas, os assaltantes apelam, sobretudo, para o poder da intimidação verbal. É por meio de ameaças proferidas calmamente e quase sempre em baixo tom de voz, que os funcionários das instituições financeiras são coagidos a atender as exigências da *quadriha*. Vejamos a fala de um dos meus entrevistados, cujos assaltos se baseiam no “seqüestro” das famílias de funcionários de instituições financeiras:

*Todo o segredo de fazer esse tipo de assalto está na casa do gerente. Tudo começa com a família dele, os filhos, a mulher, as pessoas que ele tem mais afeto. A gente pega essas pessoas e na hora que ele chega a gente pega ele também. A gente pega as famílias no final da tarde ou a noite. Então, a gente segura o pessoal. O telefone tocou, a gente deixa a pessoa atender, e manda ela falar normalmente. Mas a gente fica na linha com a pessoa, ouvindo o que ela vai falar. Então a gente fica com as pessoas na casa, até determinadas horas, quando a gente vê que ninguém mais vai chegar, que o telefone na vai tocar, então, por volta de meia noite, a gente leva todo mundo pro cativeiro. Depois que está todo mundo no cativeiro, tudo certinho. Aí a gente começa a trabalhar o gerente. Conversar com ele, convencer o homem a fazer o que a gente quer. Nisso aí tem que ser esperto, tem que saber conversar. Tem que falar com firmeza e não pode falar demais, pois ele pode achar que a gente blefando, entendeu. Aí ele vai pôr mil obstáculos, vai falar que não entra na empresa, que não dá para entrar. Porque os gerente e tesoureiros de bancos e dessas empresas de segurança, eles tem palestras, com o pessoal do GATE( Grupo de Ações e Táticas Especiais da Polícia Militar, do estado de São Paulo), A Polícia fala para eles que a gente vai só fazer pressão psicológica que não vai matar ninguém. Então, na hora que a gente ta com eles, eles pensam em tudo, pensam nas ameaças que a gente faz e também pensam nas palestras que eles ouviram. Por isso é que a gente precisa ser firme e falar com firmeza, mostrar que não está brincando, perguntar com firmeza, dar ordens, que é para eles ver que a gente está determinado a pegar o dinheiro e que se ele não facilitar a gente vai matar a família dele. (Trecho de Entrevista com Daniel, realizada em maio de 2003)*

Verifica-se uma acirrada consciência de que suas “atuações” devem ser convincentes. Expressões, frases, argumentos e gestos utilizados para ameaçar e intimidar as pessoas que mantêm sob seu jogo são escolhidos com antecedência e discutidos entre os vários componentes da *quadriha*. Seus comportamentos, em alguma medida, constituem “textos” dramatizados diante dos reféns. Nas semanas anteriores ao assalto, são levantadas informações, não somente sobre a rotina de funcionamento da instituição financeira, junto com horários de chegada e saída se seus funcionários, nos casos dos assaltos precedidos de seqüestro, são coletados, também, detalhes íntimos e confidenciais, referentes aos gerentes e tesoureiros. Tais informações são canalizadas para o momento em que estão ameaçando e coagindo estes agentes a colaborarem com ação criminosa. Trata-se de dados que são incorporados ao “texto” dos assaltantes diante de suas vítimas.

Em seu clássico *Representação do eu na vida cotidiana*, Erving Goffman(1992)<sup>iii</sup> lança uma analogia das circunstâncias sociais de interação com a “representação teatral”. Para ele, os indivíduos quando se



apresentam a outros indivíduos, nas diversas formas de interação social, procuram ter o domínio das impressões que serão construídas acerca dele. Para tanto, empregam técnicas semelhantes àquelas empregadas por atores diante de suas platéias. Em sua metáfora da sociedade teatro, Goffman elabora o conceito de “fachada” que se refere ao *equipamento padronizado de tipo intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação*. Sendo que, a “fachada” seria composta por *um cenário que inclui mobília, decoração, a disposição física e outros elementos de pano de fundo que vão constituir o cenário e os suportes do palco para o desenrolar da ação humana executada diante, dentro ou acima dele e a “fachada pessoal” que designa os: itens do comportamento expressivo(...) aqueles que de modo mais íntimo identificamos com o próprio ator e esperamos que o sigam onde quer que vá* (Goffman, 1992)

Roubos “no vapor”, como vimos, embora contem com o desempenho dramático do assaltante, que deve demonstrar segurança ao anunciar o assalto e se locomover no local, proferindo ameaças, intimidando seus oponentes, dependem fortemente de um “cenário”, marcado pela imponência das armas com alto poder de destruição. Por outro lado, ações *no sapatinho* privilegiam a “fachada pessoal”. Segundo Goffman, esta corresponde a uma série de itens “fixos” e “não fixos”:

*Entre os itens da fachada pessoal podemos incluir os distintivos da função ou categoria, vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência: atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes. Alguns desses veículos de transmissão de sinais, como as características raciais, são extremamente fixos e dentro de um certo espaço não variam de uma situação para outra. Em comparação, alguns desses veículos de sinais são relativamente móveis ou transitórios, como a expressão facial, e podem variar, numa situação de um momento para outro.* (Goffman, 1992:31).

Nas operações no *sapatinho*, a atuação dos assaltantes diante das vítimas tem importância decisiva. Embora, sejam utilizadas armas modernas, a tarefa de amedrontar as vítimas é atribuída aos executores da ação criminosa, que se utilizam, principalmente de elementos *não fixos* da fachada pessoal, tais como expressões corporais e faciais, linguagens, vocabulários, maneiras de falar e olhar, gestos específicos para produzir em seus oponentes a impressão de que o *quadrilha* não está blefando e que é capaz de matar, caso suas exigências não sejam atendidas.

Um dos meus entrevistados que se dizia “especializado” em assaltos precedidos de seqüestro”, ressalta a importância de manter um personagem verossímil diante das vítimas.

*Esse negócio de você lidar com os sentimentos dos outros é muito sério. Você passa a noite com as famílias e você não pode demonstrar que você tem sentimento, que é capaz de sentir piedade. Você tem que ser muito forte para alcançar seu objetivo. A gente passa uma noite com aquelas pessoas, ameaça, diz que vai matar, mas não pode deixar que elas vejas nossa fraqueza. A gente não pode demonstrar que fica tocado com o sentimento delas. Quando a gente ta trabalhando não pode demonstrar esse lado. Porque se percebem que você não ta querendo matar, eles não vão entregar o dinheiro. E se eles não entregam o dinheiro, aquele serviço já fracassou. Então, a gente tem que dizer que quer matar e que a vida deles não significa nada pra gente.* ( Trecho de entrevista com Rafael, realizada em maio de 2003)

O assaltante precisa demonstrar “frieza” e “firmeza”.ele deve compor sua “fachada pessoal”, passando para suas vítimas a impressão que considera adequada. Os meus entrevistados costumavam enfatizar que uma vantagem dos assaltos precedidos de seqüestro das famílias dos gerentes e dos tesoureiros, é que a “quadrilha” fica desincumbida de atacar o alvo em pleno horário de seu funcionamento comercial, tarefa que envolve maiores riscos.





*Se você assalta diretamente, invadindo o banco, aí você tem a chance de ter confronto com a Polícia. Mas se você pensa um pouco, você vai fazer da forma que você se arrisca menos. Se você conversa com o gerente antes, você não vai invadir o banco. Você vai evitar um encontro não desejado com a Polícia. Eu não digo seqüestro como você diz, porque seqüestro é uma palavra muito forte. A gente leva o gerente e também a família dele para um passeio, para uma conversa, aí a gente procura chegar a um denominador comum.* (Trecho de entrevista com Jorge, realizada em março de 2003)

Nesta modalidade de ataque, a *quadrilha* nem ao menos precisa “anunciar o assalto” ao entrar nas agência bancárias. Pois sua inserção em tais recintos, dar-se em companhia do gerente que estar em seu poder, este entrega em mão as quantias dispostas no banco ou empresa de guarda-valores. Desta maneira: *quem vai concluir o assalto, na verdade é o gerente, não é o assaltante. O gerente participa do roubo, sabia? Participa mais do que o ladrão, porque ele é obrigado a colaborar, ele entrega o dinheiro na nossa mão.* (Trecho de entrevista com Rafael)

Nestes casos, segundo verifica o próprio Rafael, os gerentes das instituições financeiras, deixam de ser platéias e passam a atuar de maneira coagida com atores, no espetáculo de um *grande roubo*.

É interessante percebermos que há uma grande diferença entre os “assaltos precedidos de seqüestro” e aqueles denominados “no vapor”, onde ocorre uma intensa exposição dos assaltantes. Pelo fato de empreenderem ações barulhentas e espalhafatosas, quem “atua no vapor” se colocam como o centro das atenções de espetáculos elaborados para uma “grande platéia”. Já os “assaltos no sapatinho” constituem intervenções performáticas que tem como alvo um público seletivo. No caso de assaltos precedidos por seqüestros, a maior parte do drama se desenvolve no ambiente privado das residências das vítimas, ou em “cativeiros” viabilizados pela “quadrilha”. São ocorrências desprovidas do impacto e tensão explícita que caracterizam os assaltos no vapor.

### **3. Trapaceando “representações” sociais.**

Em sua metáfora da sociedade-teatro, Goffman chama a atenção para a função exercida pelas informações emitidas à platéia por meio de determinados estímulos constitutivos da “fachada pessoal” do ator social:

*pode se chamar de aparência, aqueles estímulos que funcionam no momento para nos revelar o status social do ator(...) Chamaremos de maneira os estímulos que funcionam no momento para nos informar sobre o papel na interação que o ator espera desempenhar, na situação que se aproxima.* (Goffman, 1992:31)

O autor acrescenta ainda que há uma expectativa, por parte da platéia, de que haja uma compatibilidade entre a “aparência” e a “maneira” dos atores em cena.

Se transpusermos estes componentes da fachada pessoal dos atores sociais de Goffman, para o desempenho dos assaltantes, podemos afirmar que nos casos dos roubos “no vapor”, verifica-se uma certa compatibilidade entre aparência e maneira na atuação desses indivíduos. Pois revelam sua condição de assaltante desde o primeiro momento: chegam às instituições efetuando disparos, aterrorizam, ameaçam, agem com brutalidade. Em larga medida, esse é o comportamento que a platéia\_ que aqui podemos identificar com as vítimas de um assalto\_ espera de criminosos, personagem portador de estigmas e estereótipos.



No caso dos assaltos *no sapatinho*, seus protagonistas disfarçam a condição de assaltantes. É recorrente, que as *quadrilhas* utilizem a “boa aparência” de determinados assaltantes de pele branca e porte altivo, para abordarem seus alvos. Graças à *imagem* de distintos cidadãos de classe média, vestindo roupas de grife, denotando boa educação e desenvoltura, conseguem se aproximar das gerentes dos estabelecimentos que pretendem roubar. As duas falas abaixo expressam a utilização que os entrevistados concedem aos *itens fixos e não fixos* de suas fachadas pessoais:

*Essa parte de pegar o gerente da instituição, tem que ser uma pessoa cuidadosa, que seja capaz de se aproximar dele em qualquer lugar. Tem que ser capaz de abordar ele, onde ele estiver, sem que ninguém perceba que naquele momento ta começando um assalto a banco. Por isso tem que ser uma pessoa educada. Eu gosto de fazer essa parte, porque se eu for, eu consigo pegar sem ninguém perceber. Eu me aproximo dele, invento qualquer desculpa, tiro ele do meio do povo e levo para um particular.* (Trecho de Entrevista com Daniel, realizada em abril de 2003)

*Precisa de uma aparência mais ou menos, porque a maioria do pessoal, gerentes de empresas, tesoureiros, moram em bairros requintados. Então não pode botar qualquer um, pra ir naquele bairro, porque vai chamar a atenção da vizinhança. Tem que ser alguém que pareça ser morador daquele bairro.* ( Trecho de Entrevista com Rafael, realizada em abril de 2003)

Os assaltantes que atuam “no sapatinho” trapaceiam suas vítimas no “jogo” da representação social. Pois se apresentam sob aparências que despertam suspeitas de que são “malfeitores e infratores da lei” e apostam na boa impressão causada por seus estereótipos. Desta maneira, conseguem se aproximar de suas presas e atacá-las, “discretamente”. Somente minutos depois que foram abordadas, as vítimas tomam consciência do assalto. A incompatibilidade entre a “boa aparência” de probos cidadãos d classe média e as maneiras insolentes criminosos, somente é manifestada depois que o assalto é anunciado. Neste caso, a boa impressão causada por suas aparências físicas e vestimentas, já não se farão acompanhar por maneiras distintas, mas por ameaças e coações.

Em se tratando das performances diante de reféns ou “vítimas”, as equipes de assaltantes que atuam “no vapor” são mais coerentes, pois suas “fachadas” apresentam compatibilidade entre “aparência” e “maneira”. Durante toda a ocasião do roubo, seus integrantes se portam como “assaltantes”, agindo com “brutalidade” e “truculência”, ou seja, maneiras que não destoam do comportamento que seus oponentes esperaram de criminosos. Por sua vez, aqueles que atuam “no sapatinho”, manipulam a “expectativa de compatibilidade entre aparência e maneira”, por parte de suas possíveis vítimas, podendo se aproximar sem despertar suspeitas e atacá-las com maior reserva e discrição. Quase sempre, trata-se de uma violência que não transborda para o espaço público das ruas. E se efetiva por meio de um diálogo assimétrico, no qual um dos lados tem como argumento o poder de usar a força e dispor da vida do outro.

### **Considerações Finais.**

Conforme venho mencionando, *assaltos contra instituições financeiras* têm se tornado recorrentes no Brasil, principalmente, em cidades de grande e médio porte. Mesmo assim, estas ocorrências são eminentemente extra-cotidianas, pois interrompem a rotina dos estabelecimentos ou agentes tomados como alvo, impondo, momentaneamente, uma dinâmica própria, marcada por agressões verbais ou físicas, baseadas na ostensiva presença de armas.

Apesar da excepcionalidade e singularidade que lhes são concernentes, trata-se de eventos balizados por representações e performances acionadas em situações de interação corriqueiras e ordinárias, *lócus*



empírico de análise privilegiado por Erving Goffman(1992). Ao longo do trabalho foi possível demonstrar que a eficácia desta sofisticada modalidade de assaltos, efetivada por meio de ataques traiçoeiros ou súbitos, sempre elaborados, resulta, em parte, das habilidades de seus protagonistas no controle do próprio comportamento e impressões “transmitidas” e “emitidas” aos seus oponentes. “Jogando” não só com o poder de coação e medo suscitado pelo manuseio de armas, mas apelando também para modelos ou padrões estereotipados, construídos e atuantes na vida cotidiana, estes “performers” conseguem influenciar o comportamento das pessoas que tomam como reféns.

## BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, P. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

*Código Penal*. São Paulo:Revista dos Tribunais, 2002, 4ª edição.

DAWSEY, J. C. *Teatro em Aparecida: a Santa e o Lobisomem*. Revista *Mana* 26(1)2005a

\_\_\_\_\_ Vitor Turner e Antropologia da experiência. Rev. *Cadernos de Campo* 14(1) 2005b

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1992. 3ª ed..

MARTUCELLI, Danilo. Reflexões sobre a Violência na condição Moderna. 1998. USP: Tempo Social.

RIFIOTIS, Theophilos. *Nos Campos da Violência: diferença e positividade*. Revista Primeira Mão, Curitiba 18 (7), 1997

SCHECHNER, R. *Between Teater & Anthropology*. Filadélfia, University of Pensylvania Press, 1985

\_\_\_\_\_ *Performance Theory*, New York:Routledge,1988.

\_\_\_\_\_ *By Means of Performance*. Cambridge: Univer Press 1989.

SCHUMPETER, J. *Teoria do Desenvolvimento Econômico*. Rio de Janeiro:Fundo de Cultura, 1961.

TURNER, V. *O Processo Ritual. estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes,1974

\_\_\_\_\_ *The Anthropology of Performance*: New York: PAJ Publications, 1987.

\_\_\_\_\_ *Schism and Continuity in an African Society*. Oxford e Washington, D.C. BERG, 1996

<sup>i</sup> *Furto* é categoria jurídica, correspondente ao artigo 155 do *Código Penal Brasileiro*, refere-se ao ato de “Subtrair para si ou para outrem, coisa alheia móvel”, *roubo* também uma é modalidade de *crime contra o patrimônio* e equivale ao artigo 157 do mesmo texto jurídico, designando a ação de “subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido á impossibilidade de resistência”. Ocorrências de “roubos” e “furtos” são usualmente denominadas “assaltos”.

<sup>ii</sup> A partir dos anos de 1990, casas lotéricas e algumas redes de farmácias passaram a realizar funções típicas das instituições financeiras, como o recebimento pagamentos de contas de água, energia elétrica, cartões de crédito e quitações de títulos, isto gerou um grande fluxo de capital nestes estabelecimentos, produzindo um expressivo aumento da quantidade de assaltos sofridos. As autoridades responsáveis pela segurança pública, em vários estados do país têm se declarado contrárias ao desempenho de tais funções pelos estabelecimentos mencionados, alegando que os mesmos, não fazem parte do sistema financeiro nacional. Desta maneira, não são legalmente exigidos a farmácias e lotéricas os equipamentos e acessórios de segurança obrigatórios às instituições financeiras. Tal situação acarreta maiores riscos aos usuários destes estabelecimentos.

<sup>iii</sup> Na edição americana, o livro de E. Goffman, cuja primeira tiragem é de 1959, é intitulado *The Presentation of self in Everyday Life*. Para este, a tradução mais adequada na língua portuguesa seria: *A apresentação do eu na vida cotidiana*. Todavia, na edição brasileira, a obra ganhou o nome de *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. O termo “presentation” foi traduzido como “representação” e não como “apresentação”. Um outro ponto que convém ressaltar é o título do primeiro capítulo, cuja versão em português da editora brasileira é *Representações*, no entanto, o nome dado ao mesmo capítulo, no original, por E. Goffman foi *Performances*.